

Trata-se simplesmente de olhar, e descrever, trata-se simplesmente de dizer aquilo que vemos

Entrevista com Claudio Damiani

O que significa ser poeta hoje? O que é um poeta? O poeta é um cantor nostálgico da palavra já desgastada e obsoleta? É necessariamente um opositor do mundo?

Não, não é um *opositor*, eu penso que seja um *sustentador* do mundo, se entendemos o mundo não como algo esquemático e postizo, mutável ou intercambiável, mas como nosso berço e terra, como realidade ampla e infinita, infinitamente mais fantasiosa que nossas fantasias. Sustentador, organizador, cultivador, o poeta é também o explorador do mundo, aquele que conhece os lugares mais remotos e íntimos. Que o espanje e o recria, sem acrescentar uma vírgula. É quem sem inventar nada, nos diz o mundo, o lembra, nos faz entender como pode ser real, verdadeiro e, ao mesmo tempo, imaterial, espiritual.

O elemento essencial para um poeta é a palavra, a matéria-prima a ser buscada, trabalhada e depois “fixada” na página em branco. Quais relações possui com a palavra? E também com a língua? Enfim, como pode ser definida a “sua” língua?

A minha relação com a língua é total, a língua é a “tradução”, o correspondente ao mundo sobre o qual falava anteriormente. É como um vidro transparente dentro do qual o mundo se ilumina, fazendo o mesmo com a palavra, nem mais nem menos, desaparecendo. Não acho que a palavra deva ser buscada,

trabalhada e fixada. Ela existe por um milagre. Por outro lado, o poeta que acolhe o milagre com o olhar firme e o coração de ferro é um sábio prodigioso de sua língua, aquele que sabe tudo sobre ela, a conhece como as palmas das mãos. Como definiria a minha língua? Bem, eu sou um classicista, se ainda não estava claro. Para mim, a língua não é somente a de hoje, é a de todos os tempos, presentes, passados, futuros.

Quais poetas ou escritores (italianos ou estrangeiros) operam na sua escritura? E em que modo se constroem essas relações de leitura, escritura e poéticas?

Amei e amo tantos poetas, Francesco Petrarca, sobretudo, Homero, Giovanni Pascoli, os grandes elegíacos latinos, como Horácio e Virgílio, os poetas chineses da época T'Ang, alguns antigos persas e indianos, e então Jonh Keats, Hölderlin. Entre a escritura e a leitura há uma relação inextricável, indefinível, embora o que escrevemos é sempre algo novo, como os novos seres que vêm à luz no tempo, aflorando no presente. Isso que escrevemos é novo e em diálogo perpétuo com as coisas passadas e as futuras, aliás, *é* este diálogo.

Se pudesse escolher apenas o nome de cinco poetas da segunda metade do século XX até hoje, quais seriam? Como operam na sua poesia?

Considero a segunda metade do século XX um período de decadência em relação à primeira, que foi uma época de ouro, se pensarmos que – falando só da Itália – existiram poetas como Giovanni Pascoli, Guido Gozzano, Giuseppe Ungaretti, Camillo Sbarbaro, Dino Campana, Umberto Saba. Os cinco nomes que indicaria da segunda metade do século XX são os dos poetas que mais se aproximam aos da época de ouro, ou foram ainda mais para trás, até as origens antigas (os séculos XIII e XIV). Destes, três são anteriores a mim, e me influenciaram de diversas maneiras: Giorgio Caproni, Sandro Penna, Lorenzo Calogero. Os outros dois são meus contemporâneos, e com eles a influência foi talvez recíproca, foi um pouco como correr junto, e, correndo, entreolhar-se: Beppe Salvia e Umberto Fiori.

Costuma-se dizer hoje em dia que há mais poetas que leitores. O que acha? De que forma os novos suportes (internet, blog) intervêm na relação com o público?

Essa ideia de que existem mais poetas que leitores sempre foi assim na Itália. Eugenio Montale dizia que se fosse constituído na Itália um partido dos poetas, este teria ganhado as eleições e governado. Uma coisa típica da Itália,

creio, é que “população” de poetas não lê a poesia contemporânea (porque se lessem, as tiragens seriam muito mais altas). Isso contribui, junto a vários outros fatores, para que, na Itália, a poesia (e considero também a melhor) seja considerada menos que menos, se não abertamente marginalizada e ultrajada. Isso é em parte devido, como o não ler, à recíproca rivalidade. Internet e blog, por um lado, não fazem mais que amplificar esta realidade já amplificada e inconcludente, na qual todos escrevem e ninguém lê, e, por outro, colocam alternativas que poderiam se tornar interessantes para um mercado editorial cansado e esgotado, que já há algum tempo perdeu o prestígio, abandonando o campo (se veem as coleções históricas que estão por um fio e aviltadas).

Foi o responsável pela organização do volume *Orazio, Arte poética* (1995), e frequentemente cita também outro poeta, Giovanni Pascoli e o seu *Fanciullino*. O que eles têm em comum, como podem ser atuais hoje e, enfim, como operam na sua escritura?

Giovanni Pascoli está em um diálogo contínuo com Horácio e com Virgílio, toda sua obra é um contínuo diálogo com os antigos. Todavia, de todo o século XX, ele é o mais atual, aquele à frente, aquele que viu além do nosso tempo ferido e dilacerado, numa *nova era* de retorno à natureza. Um livro que está para ser lançado, por mim organizado, e que se intitula *Pascoli e i poeti d'oggi* pretende mostrar justamente isso. O que Pascoli e Horácio têm em comum é a estabilização da alma, a busca por um ponto de equilíbrio para nossa alma, como um barco que, apesar da forte tempestade, consegue navegar. Horácio chamava isso de *carpe diem* ou *aurea mediocritas*. Hoje, a nossa linguagem empobrecida entende *mediocritas* como mediocridade, algo para se evitar, não para buscar como ouro.

Horácio e Pascoli são hoje atuais por isso: estabilizar a alma é a prioridade, é o essencial no nosso tempo.

“Cara poesia, se tu vuoi venire vieni, / se non vuoi venire non vieni / fa' come fossi a casa tua, / con me devi fare così [...]” (“Cara poesia, se tu queres vir, venha, / se não queres vir, não venha / faça como se estivesse em tua casa, / comigo debes fazer assim [...]”). Seria essa uma evocação, um convite? A poesia como nas vestes de uma figura humana sedutora?

A poesia como uma pessoa, sim. Mas penso que cada coisa seja uma pessoa, cada coisa, enquanto algo que existe, seja verdadeira e sagrada, tenha e deva ter a dignidade de uma pessoa. Acho que não devemos fazer classificações, mas estar todos no mesmo plano, porém um plano alto, altíssimo. Somos todos

como a maçã de Safo, alta sobre o mais alto dos ramos, que os colhedores não colhem, não porque esqueceram, mas porque não a alcançaram.

Como se poderiam conjugar os versos acima citados com “*Vorrei semplicemente descrivere / quello che vedo [...]*” (“Gostaria simplesmente descrever / o que vejo [...]”)? Necessidade de pureza, de retorno a um olhar mais inocente e impressionista?

Conforme já citei antes, não há nada para inventar, trata-se simplesmente de olhar, e descrever; trata-se simplesmente de dizer o que vemos, o que existe. Os antigos diziam *imitação da natureza* e tinham razão. Hoje, há uma dificuldade em dizer que a arte é a imitação da natureza. Mas tentemos reler a *Poética* de Aristóteles, em que esse conceito é afirmado, e nos daremos conta de que a arte desde então não se moveu um milímetro, que nas palavras de Aristóteles não devemos mudar nem mesmo uma letra. Nada como a *Poética* nos descreve a arte de todos os tempos, passados, presentes e futuros.

Participou intensamente e colaborou na fundação da revista *Braci*, no início dos anos 1980, da qual participaram poetas mais jovens e outros mais conhecidos, que já haviam percorrido uma longa caminhada. Quais são as lembranças desse período e como influenciaram na sua poesia?

São lembranças muito belas, aquele período me marcou muito, sinto que ainda pertença a *Braci*, como se, mesmo após tanto tempo, nada tivesse mudado. Houve então uma confluência sobre algumas necessidades: voltar, depois de tanta ideologia e contraposição, a dizer a vida, *a vida nua* como a chamávamos. E para dizer a vida, redescobrir a língua, sair da linguagem (que para nós era sinônimo de ideologia) e ir para a língua, como dizíamos naquele momento, e redescobrir uma nova relação com a tradição e os clássicos. Éramos todos jovens, todos com vinte e poucos anos, e ainda pouco conhecidos. Depois cada um encontrou o seu caminho, mas *Braci* marcou a todos.

“*Che moriremo / questo lo sappiamo / ma che non c'eravamo già prima / questo non lo crediamo, / e se prima c'eravamo / è credibile / che moriremo?*” (“Que morreremos / isso já sabemos / mas que não existíamos antes / nisso não cremos, / e se antes existíamos / é possível / que morreremos?”). O amor, o nascimento, a morte são temas em sua poesia, mas são também temas que inquietam o homem desde sempre; são absolutamente universais. Como encontrar o acordo musical entre esses temas, que pertencem também a uma tradição consolidada, o discurso comum, cotidiano e a vida que flui sempre mais veloz?

É o que eu buscava dizer antes: estou convencido de que a arte, mas também a natureza, é caracterizada por esta antinomia, este aparente contraste: por um lado, um imediatismo, uma simplicidade e uma vivacidade inacreditáveis, um ser muito real e cotidiano; por outro, a profundidade, a complexidade e a tragédia das questões eternas. Estas (vida morte, nascimento, amor, etc.), por sua vez, poderiam ser invertidas em simples, cotidianas e naturais, como beber um copo d'água. Óbvio que isso que estou dizendo, esse conceito de arte, também busco colocá-lo em prática, mas não é certo que se consiga. Seguramente é algo que vejo na natureza e na arte: é o que Francesco Petrarca (inspirado em Horácio) chamava de “difícil facilidade”. Isto é também o título de um ensaio meu que contempla reflexões sobre a poesia e sobre a arte a ser lançado proximamente.

Tradução Maysa Rizzotto